

CONSTRUÇÕES APLICATIVAS EM PANARÁ*

(Applicative Constructions in Panará)

Luciana DOURADO
(Universidade de Brasília)

ABSTRACT: *The aim of this paper is to analyze the postposition incorporation (Baker 1988) into the verb of the Panará language (Jê family, Macro-Jê stock) to form applicative constructions (Nakamura 1997). The focus are the constructions with incorporated postposition for which a phonetic copy is kept. This analysis is supported by the proposal of Nunes (1999, 2001) according to which the phonetic realization of the trace of the incorporated postposition does not compromise the linearization of the structure because the postposition and the host verb can be analyzed as one word in the phonological component.*

KEY-WORDS: *Indigenous Languages; Panará; Applicative; Linearization of chains.*

RESUMO: *O objetivo desse artigo é analisar a incorporação de posposições (Baker 1988) no verbo da língua Panará (família Jê, tronco Macro-Jê) para formar construções aplicativas (Nakamura 1997). O foco da análise são as construções com posposições incorporadas, que mantêm uma cópia foneticamente realizada. Esta análise é baseada na proposta de Nunes (1999, 2001), de acordo com a qual a realização fonética do vestígio da posposição incorporada não compromete a linearização da estrutura, porque a posposição e o verbo hospedeiro podem ser analisados como uma palavra no componente fonológico.*

PALAVRAS-CHAVE: *Línguas Indígenas; Panará; Aplicativo; Linearização de cadeias.*

* Este trabalho é resultado da pesquisa realizada dentro do projeto “Pesquisas em Sintaxe Minimalista”, coordenado pelo Prof. Dr. Jairo Nunes, a quem agradeço de forma muito especial pelas inúmeras sugestões. Agradeço também à professora Evani Vioti pela leitura atenta e pelos valiosos comentários. Esclareço, contudo, que quaisquer equívocos porventura encontrados nesta análise são de minha total e inteira responsabilidade.

0. O problema

A língua Panará (família lingüística Jê) apresenta uma série de posposições que podem se incorporar ao núcleo de verbos transitivos e intransitivos. Ao lado dessas posposições passíveis de incorporação, como exemplificados em (1), existem outras, algumas homófonas às posposições incorporáveis, que jamais ocorrem incorporadas, como ilustrados em (2).¹

- (1) a. mara hẽ ø =ti =ø =kũĩ
 ele ERG REAL.TR =3SG.ERG =3SG.ABS =quebrar
 moto tsukahamãy pe
 barco Txukahamãe MAL
 'ele quebrou o barco em detrimento do Txukahamãe.'
- b. mara hẽ ø =ti =ø
 ele ERG REAL.TR =3SG.ERG =3SG.ABS
 =pe =kũĩ moto tsukahamãy
 =MAL =quebrar barco Txukahamãe
 'ele quebrou o barco em detrimento do Txukahamãe.'
- (2) a. ãpiara yi =ra =po
 homens.ABS REAL.INTR =3PL.ABS =chegar
 hati pe
 mato ABL
 'os homens chegaram do mato.'
- b. *ãpiara yi =pe =ra =po
 homens.ABS REAL.INTR =ABL =3PL.ABS =chegar
 hati²
 mato
 'os homens chegaram do mato.'

¹ Os símbolos utilizados para se referir às funções gramaticais são os seguintes: ABL=ablatoivo, ABS=absolutivo, ALA=alativo, BEN=benefactivo, IC=instrumental-comitativo, COM=comitativo, DU=dual, ERG=ergativo, FIN=final, INES=inessivo, INSTR=instrumentivo, INTR=intransitivo, IRR=irrealis, LOC=locativo, MAL=maiefactivo, PL=plural, REAL=realis, RFLX=reflexivo, SG=singular, TR=transitivo.

² Não é a diferença na ordem dos proclíticos ao verbo, confrontando-se (1b) com (2b), que torna este último agramatical. Com verbos intransitivos, a marca de concordância com o objeto da posposição no modo realis precede a marca de concordância com o NP sujeito, como ilustrado em (I):

(I) ãkyẽ yi =ria =ra =kui kamera kō
 eu.ABS REAL.INTR=2PL.ABS=1PL.ABS=ir vocês COM
 'eu vou com vocês.'

As posposições incorporadas podem também estar associadas a uma cópia em sua posição de origem, conforme se pode verificar esta possibilidade no exemplo em (3), e impossibilidade no exemplo em (4).

- (3) mara hẽ ø =ti =õ
 ele ERG REAL.TR=3SG.ERG =3SG.ABS
 =pe =kũĩ moto tsukahamãy pe
 =MAL =quebrar barco Txukahamãe MAL
 'ele quebrou o barco do Txukahamãe.'

- (4) *ĩpiara yi =pe =ra =po
 homens.ABS REAL.INTR =ABL =3PL.ABS =chegar
 hati pe
 mato ABL
 'os homens chegaram do mato.'

O objetivo desse trabalho é: (a) analisar a incorporação de posposições ao núcleo verbal em Panará como fonte de formação de aplicativas; (b) discutir as relações gramaticais que se estabelecem entre os constituintes da oração a partir deste processo; (c) analisar a duplicação de posposições em construções como no exemplo em (3), com base na proposta de Nunes (1999, 2001) sobre a realização fonética de múltiplas cópias. O trabalho está organizado como se segue. Na seção 1, apresento a análise de Baker (1988) sobre o fenômeno da incorporação, em geral, e da incorporação de posposições, em particular, como fonte de formação de construções aplicativas. Na seção 2, faço uma abordagem das construções aplicativas em Panará no que se refere, principalmente, ao sistema de concordância e às relações gramaticais. Na seção 3, discuto as posposições que não podem se incorporar. Na seção 4, apresento uma síntese da proposta de Nunes (1999, 2001) e analiso a questão da duplicação de posposições em construções aplicativas do Panará com base nesta proposta.

A posposição incorporada não ocorre imediatamente à esquerda da raiz do verbo, mas à esquerda do proclítico co-referente com o NP sujeito, como ilustrado em (II):

- (II) ãkyẽ yi =ria =kõ =ra =kui kamera
 eu.ABS REAL.INTR=2PL.ABS=COM=1PL.ABS=ir vocês
 'eu vou com vocês.'

1. A incorporação

Dentro do modelo da Regência e Ligação – *GB* (Chomsky 1981) - o fenômeno da incorporação é descrito, grosso modo, como um processo pelo qual um item lexical combina com outro item lexical, formando com este um objeto lingüístico complexo e desencadeando mudanças nas relações gramaticais entre os constituintes da sentença. As construções que se distinguem apenas por portar ou não um item incorporado são consideradas paráfrases semânticas. Veja (1), por exemplo.

Tecnicamente, o fenômeno da incorporação é analisado como resultante da adjunção de um núcleo X^0 a um outro núcleo Y^0 . O vestígio deixado por esse movimento está sujeito ao Princípio das Categorias Vazias (ECP), Baker (1988), que, de forma geral, requer que um vestígio seja identificado localmente ou por um item que o q -marque ou por seu antecedente (Chomsky 1981).

Baker (1988) argumenta que o verbo rege e θ -marca o PP cujo núcleo P^0 se incorpora a ele. Baker também propõe que a incorporação de um adposição a um verbo, relevante para esse trabalho, pode levar ao processo de mudança de função gramatical chamado de “aplicativo”. Construções aplicativas ocorrem apenas com verbos transitivos e têm a propriedade especial de ter dois objetos: o objeto direto original, chamado de objeto básico, e o NP que é destituído de P quando esta se incorpora, chamado de objeto aplicado. Construções aplicativas são possíveis quando o NP tematicamente relacionado com o afixo “aplicado” sustenta os seguintes papéis temáticos: dativo, benefactivo, instrumental e locativo de vários tipos. Baker argumenta que nestas construções o verbo rege e θ -marca o PP cujo núcleo P^0 pode ser incorporado a ele. Os exemplos abaixo (apud Baker 1988), mostram construções não aplicativas em (5a) e aplicativas em (5b) do Chichewa, uma língua Bantu:

- (5) a. fisi a -na **-dul** -a chingwe
 hiena SP-PAST **-cortar**-ASPEC corda
 ndi mpeni
 com faca
 ‘a hiena cortou a corda com uma faca.’

- b. fisi a -na -**dul** -**ir** -a mpeni
 hiena SP-PAST-**cortar-com**-ASPEC faca
 chingwe
 corda
 ‘a hiena cortou a corda com uma faca.’

De acordo com Baker (1988), em Chichewa, dois elementos diferentes podem atribuir o papel temático de instrumento: **ndi**, a preposição *standard* em (5a), e **-ir**, o afixo aplicativo em (5b). A formação da applicativa ocorre por meio da adição do morfema aplicativo **-ir** ao verbo e da substituição de um PP instrumental por um NP. A mudança na ordem dos constituintes, em (5b), sinaliza uma mudança nas relações gramaticais, tornando-se o objeto aplicado um constituinte diretamente relacionado com o verbo. Na próxima sessão discutiremos construções similares em Panará.

2. As applicativas do Panará

2.1. Tipos e estrutura

As construções applicativas na língua Panará se caracterizam pela presença de certas posposições incorporadas à raiz do núcleo verbal V^o, mantendo seus respectivos NPs objetos sem posposição. Essas construções e suas correspondentes analíticas, isto é, aquelas em que essas posposições ocorrem como núcleos de PPs, são consideradas pelos falantes como paráfrases semânticas. Foram encontradas incorporadas a V^o no Panará as seguintes posposições: instrumental-comitativa (6), comitativa (7), benefactiva (8), malefactiva (9) e locativa (10). Os exemplos em (a) ilustram as construções sem incorporação e em (b) as com incorporação.

- (6) a. pĩara yi =∅
 crianças.ABS REAL.INTR=3SG.ABS
 =ra =kõri ãko hõw
 =3PL.ABS =saciar a sede água IC
 ‘as crianças beberam água.’
- b. pĩara yi =∅
 crianças.ABS REAL.INTR=3SG.ABS
 =hõw =ra =kõ ãko
 =IC =3PL.ABS=saciar a sede água
 ‘as crianças beberam água.’

- (7) a kiõpe ka =ti =ra =tẽ
 Kiompé.ABS IRR=3SG.NOM=1SG.ABS=**viajar**
 ãkyẽ kõ muu tã
 eu **COM** Brasília ALA
 'Kiompé vai viajar comigo para Brasília.'
- b. kiompé ka =ti =ra
 Kiompé.ABS IRR=3SG.NOM=1SG.ABS
 =kõ =tẽ ãkyẽ muu tã
 =**COM** =**viajar** eu Brasília ALA
 'Kiompé vai viajar comigo para Brasília.'
- (8) a. tãputũ hẽ ø =ti
 homem velho ERG REAL.TR=3SG.ERG
 =ra =sõri kiãrãpe ãkyẽ mã
 =1SG.ABS =**dar** cocar eu **BEN**
 'o chefe me deu um cocar.'
- b. tãputũ hẽ ø =ti
 homem velho ERG REAL.TR=3SG.ERG
 =ra =mã =sõrĩ kiãrãpe ãkyẽ
 =1SG.ABS =**BEN**=**dar** cocar eu
 'o chefe me deu um cocar.'
- (9) a. mara hẽ ø =ti
 ele ERG REAL.TR=3SG.ERG
 =ø =kũĩ moto tsukahamãy **pe**
 =3SG.ABS=**quebrar** barco Txukahamãe **MAL**
 'ele quebrou o barco em detrimento do Txukahamãe.'
- b. mara hẽ ø =ti
 ele ERG REAL.TR=3SG.ERG
 =ø =pe =kũĩ moto tsukahamãy
 =3SG.ABS=**MAL** =**quebrar** barco Txukahamãe
 'ele quebrou o barco em detrimento do
 Txukahamãe.'
- (10) a. maira hẽ ø =ti =ka =pũ
 Maíra ERG REAL.TR=3SG.ERG=2SG.ABS=**ver**
 ka tãmaka amã
 você espelho **LOC**
 'Maíra viu você no espelho.'

- b. maira hẽ ø =ti =ka
 Maíra ERG REAL.TR=3SG.ERG=2SG.ABS
 =amã =pũ ka tɔmaka
 =LOC=ver você espelho
 ‘Maíra viu você no espelho.’

Como se pode observar, as aplicativas em Panará apresentam características diferentes do Chichewa. Em (5), a formação da aplicativa se dá pelo acréscimo de um morfema ao verbo, enquanto em Panará é a própria posposição que se incorpora ao núcleo verbal, tornando esse processo gramatical mais transparente. Também não há mudança na ordem dos constituintes, como se pode observar nos exemplos apresentados em (1), (2) e (6) a (10).

As construções aplicativas em Panará podem ocorrer tanto com verbos que têm sujeito marcado pelo Caso ergativo (transitivos) quanto com verbos que têm sujeito marcado pelo Caso absolutivo (intransitivos). Podem ser agrupadas em 3 (três) tipos fundamentais:

Tipo 1: verbos com sujeito ergativo que subcategorizam NP objeto e PP:

- (11) a. mara hẽ ø =ti
 ele ERG REAL.TR=3SG.ERG
 =a =pĩri sōsesua ka pe
 =2SG.ABS=pegar anzol você MAL
 ‘ele pegou o anzol em teu detrimento.’

- b. mara hẽ ø =ti
 ele ERG REAL.TR=3SG.ERG
 =a =pe =pĩri sōsesua ka
 =2SG.ABS=MAL =pegar anzol você
 ‘ele pegou o anzol em teu detrimento.’

O verbo concorda com o NP sujeito (clítico ergativo **ti**) e com o objeto da posposição (clítico absolutivo **a**) tanto na oração analítica (11a) quanto na sua correspondente aplicativa (11b), indicando, assim, que o sintagma

posposicional (PP) é também um argumento interno do verbo, isto é, possui as propriedades de objeto estrutural.³

Tipo 2: verbos com sujeito ergativo que subcategorizam PP:

- (12) a. ka hẽ ø =ka
 você ERG REAL.TR=2SG.ERG
 =ra =pĩaseri pĩara hõw
 =3PL.ABS=brigar crianças INSTR
 'você brigou com as crianças.'

³ O verbo em Panará concorda com o NP sujeito e com o NP objeto direto ou com o NP objeto de posições incorporáveis, por meio de clíticos ou prefixos da série absolutiva. No entanto, o benefactivo e o comitativo podem também, alternativamente, concordar com clíticos da série dativa, como em (I) e (II) abaixo:

- (I) Pəsina hẽ ø=ti=ra=kã=sõri
 Pəsina ERG REAL.TR=3SG.ERG.3PL.ABS-2DAT=dar
 sõtímera kamera mã
 coisas.abs vocês BEN
 'Pəsina deu muitas coisas para vocês.'
- (II) ĩkyẽ yi =kã =kui kamera kõ
 eu.ABS REAL.INTR=2DAT=ir vocês COM
 'eu fui com vocês.'

Quando o NP objeto direto e o NP objeto de posições incorporáveis co-ocorrem com um clítico, ou um prefixo absolutivo, a concordância se dá com o objeto da posição e não com o objeto temático, como se observa em (III):

- (III) Pəsina hẽ ø =ti =ria =sõri
 Pəsina ERG REAL.TR=3SG.ERG=2SG.ABS=dar
 sõtímera kamera mã
 coisas.ABS vocês BEN
 'Pəsina deu muitas coisas para vocês.'

Em construções com verbo transitivo, quando o benefactivo concorda com o dativo, o objeto temático concorda com o absolutivo (conf. I). No entanto, construções com incorporação de posição só ocorrem quando o seu objeto é alvo de concordância absolutiva, como em (IV) e (V):

- (IV) Pəsina hẽ ø =ti =ria =mã =sõri
 Pəsina ERG REAL.TR=3SG.ERG=2PL.ABS=BEN=dar
 sõtímera kamera
 coisas.ABS vocês
 'Pəsina deu muitas coisas para vocês.'
- (V) ĩkyẽ yi =ria =kõ =ra =kui kamera
 eu.ABS REAL.INTR=2PL.ABS=COM=1SG.ABS=ir vocês
 'eu fui com vocês.'

- b. ka hẽ ø =ka
 você ERG REAL.TR=2SG.ERG
 =ra=**how**=**pĩaseri** pĩara
 =3PL.ABS=**INSTR**=**brigar** crianças
 ‘você brigou com as crianças.’
- (13) a. ĩkyẽ hẽ ø =re
 eu ERG REAL.TR=1SG.ERG
 =ria =**kuəri** kamera **kõ**
 =2PL.ABS=**fazer** vocês **COM**
 ‘eu ajudei vocês.’
- b. ĩkyẽ hẽ ø =re
 eu ERG REAL.TR=1SG.ERG
 =ria=**kõ**=**kuəri** kamera
 =2PL.ABS=**COM**=**fazer** vocês
 ‘eu ajudei vocês.’

Aqui também a relação gramatical do verbo com o PP é marcada pelo sistema de concordância. O verbo nessas construções concorda com o sujeito ergativo (**ka** em (12) e **re** em (13)) e com o objeto da posposição (**ra** em (12) e **ria** em (13)), tanto na construção aplicativa quanto na sua correspondente analítica.

Tipo 3: verbos com sujeito absoluto que subcategorizam PP:

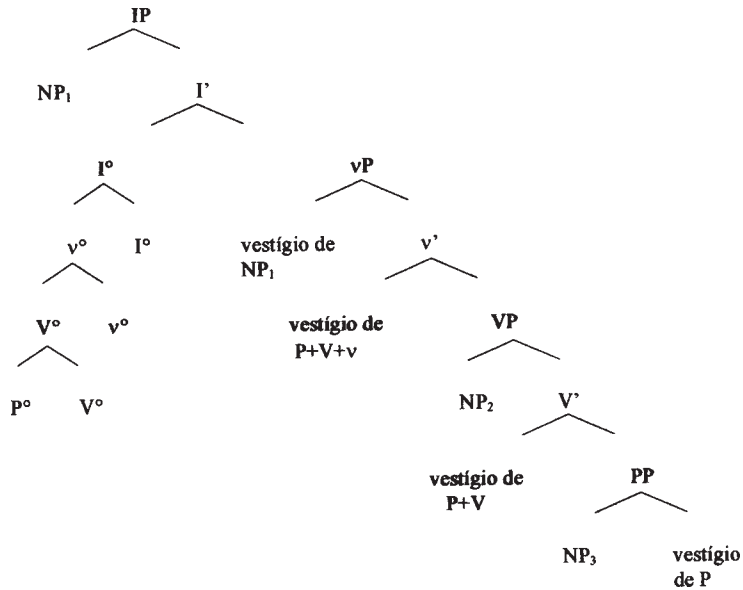
- (14) a. kamera yi =ra =ria =tẽ
 vocês.ABS REAL.TR=1SG.ABS=2PL.ABS=**ir**
 ĩkyẽ **how** kri tã
 eu **IC** aldeia ALA
 ‘vocês foram comigo (me conduziram) para a aldeia.’
- b. kamera yi=ra
 vocês.ABS REAL.TR=1SG.ABS
 =**how**=ria =**te** ĩkyẽ kri tã
 =**IC** =2PL.ABS=**ir** eu aldeia ALA
 ‘vocês foram comigo (me conduziram) para a aldeia.’
- (15) a. Kiompẽ yi =ra
 Kiompé.ABS REAL.INTR=1SG.ABS
 =ø =**kuĩ** ĩkyẽ **kõ** muu tã
 =3SG.ABS=**ir** eu **COM** Brasília ALA
 ‘Kiompé foi comigo para Brasília’ (lit: Kiompé foi em minha companhia para Brasília)

- b. Kiompe yi =ra
 Kiompé.ABS REAL.INTR=1SG.ABS
 =kõ =ø =kuĩ ãkyẽ muu tã
 =COM=3SG.ABS=ir eu Brasília ALA
 'Kiompe foi comigo para Brasília'

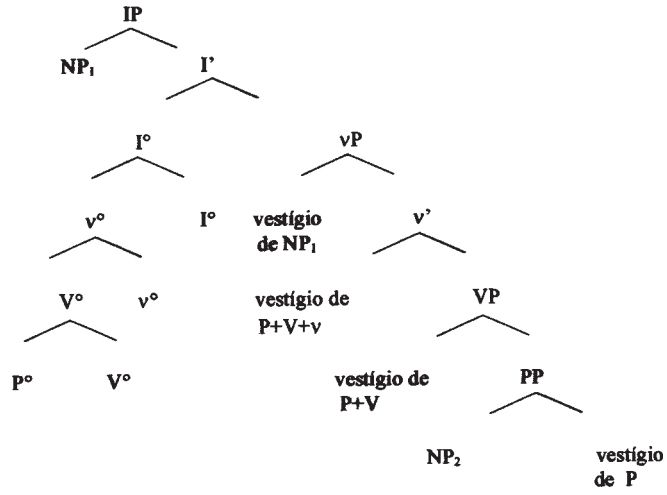
Nessas construções, a mesma série de clíticos (absolutivos) que marca a concordância com o sujeito também marca a concordância com o objeto da posposição: **ria** com NP sujeito e **ra** com o objeto da posposição em (14); ø com o NP sujeito e **ra** com o objeto da posposição em (15).

Para dar conta desses três (3) tipos de applicativas, vou assumir, seguindo Chomsky (1995), as configurações arbóreas lasonianas em (16), (17) e (18).

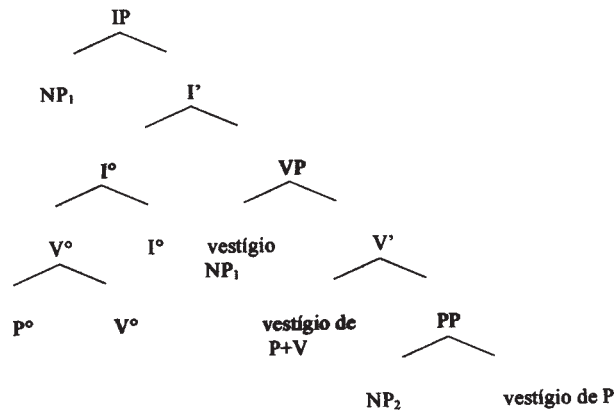
(16)



(17)



(18)



(16) representa o Tipo 1. NP₂ e PP são argumentos internos e NP₁ argumento externo. A posposição, que θ -marca NP₃, se adjunge a V, que rege o PP. De acordo com a noção de barreira proposta por Baker (1988)⁴, o PP não constitui uma barreira para a regência, permitindo que a posposição reja o seu vestígio, satisfazendo o ECP, e que o NP₃ seja propriamente regido pelo verbo complexo (P°+V°). O verbo complexo, atraído por traços fortes, move-se, então, para o núcleo do verbo leve e, em seguida, todo o complexo (P+V+n) move-se para I°. A estrutura em (17), que não possui a posição de Spec de VP preenchida, representa os verbos do Tipo 2, presumivelmente inergativos. Os verbos do Tipo III, presumivelmente inacusativos, se associam à configuração em (18), sem projeção do verbo leve e com sujeito interno ao VP.

2.2. *Concordância e Caso*

Segundo Baker (1988), a incorporação da posposição dispara a concordância do verbo com o objeto da posposição que passa a adquirir propriedades de objeto estrutural. No caso do Panará, o aplicativo não parece adicionar um novo argumento interno à estrutura argumental do verbo. Como vimos em (1), repetido abaixo em (19), com exceção da substituição de um PP em um NP na aplicativa, não parecem, portanto, ocorrer mudanças nas relações gramaticais entre os constituinte da oração aplicativa e a sua respectiva analítica, aparentemente contrariando o que dispõem Baker (1988) e Perlmutter & Postal (1974)⁵.

- (19) a. mara hẽ \emptyset =ti = \emptyset
 ele ERG REAL.TR=3SG.ERG=3SG.ABS
 =**kũĩ** moto tsukahamãy **pe**
 =**quebrar** barco Txukahamãe **MAL**
 'ele quebrou o barco em detrimento do Txukahamãe.'

⁴ De acordo com Baker (1988: 54-55), sendo D a menor projeção máxima contendo A, então C é uma barreira entre A e B, sse C é uma projeção máxima que contém B e exclui A, e ou: (i) C não é selecionada; (ii) o núcleo de C é distinto do núcleo de D e seleciona algum WP igual a/ou contendo B. Conforme essa definição de barreira, o nóculo de adjunção que imediatamente domina o elemento incorporado não conta como primeiro nóculo ramificante relevante na definição de relação de c-comando; portanto, a exigência de localidade para regência é satisfeita em virtude de nenhuma barreira intervir entre o antecedente e o vestígio.

⁵ Segundo o quadro teórico da Gramática Relacional, a incorporação da posposição implica a demissão do sujeito lógico (tema) e a promoção do objeto da posposição, fenômeno capturado pela Lei de Aniquilação Relacional (Perlmutter & Postal 1974).

- b. mara hẽ ø =ti =ø
 ele ERG REAL.TR=3SG.ERG=3SG.ABS
 =**pe=kũĩ** moto tsukahamãy
 =**MAL=quebra** barco Txukahamãe
 ‘ele quebrou o barco em detrimento do Txukahamãe.’

Consideremos, porém, a mobilidade dos constituintes das aplicativas em Panará. Nakamura (1997), com base em Gary e Keenan (1977), distingue aplicativas derivadas por incorporação de aplicativas formadas no léxico, pela possibilidade de o objeto básico (Tema) ser ou não passível de extração, assumindo que um NP para desencadear concordância deve estar numa relação Spec-Núcleo como núcleo funcional com traços- ϕ em algum ponto da derivação. Nakamura explica porque aplicativas lexicais permitem a extração do seu objeto temático, em contraste com aplicativas com incorporação de posposição. Segundo ele se uma aplicativa envolve incorporação de posposição, então o Tema recebe Caso inerente dentro do VP e permanece dentro deste durante toda a derivação, não podendo, portanto, provocar concordância ou ser extraído. Segue-se daí a seguinte Generalização (Nakamura 1997:255).

Extração de Tema em uma aplicativa é proibido apenas se

- a) a aplicativa é derivada por incorporação de preposição, e
- b) existe uma analítica equivalente da aplicativa, contendo uma preposição independente.

Em Panará, quando a posposição se encontra incorporada ao verbo, o objeto temático não é alvo de concordância e não pode ser extraído (conf. (20b)), isto é, submetido à relativização⁶, ao passo que em construções não aplicativas não há qualquer impedimento como em (20a).

- (20) a. pẽkə {ø =ti =ra
 vestido REAL.TR=3SG.ERG=1SG.ABS
 =**sõri** ãkyẽ **mã]** ãkĩ
 =**dar** eu **BEN** bonito
 ‘o vestido que ele me deu é bonito.’

⁶ Testes com a passivização do Tema não são possíveis, uma vez que Panará não admite passivas (nem antipassivas).

- b. *pēkə [ø =ti =ra
 vestido REAL.TR=3SG.ERG=1SG.ABS
 =mã =sōri ĩkyē] ĩkĩ
 =BEN=dar eu bonito
 'o vestido que ele me deu é bonito.'

Esses fatos, associados à possibilidade de se ter uma correspondente analítica em Panará, leva-nos a propor, com base na Generalização de Nakamura (1997), que nas construções aplicativas em Panará o objeto do verbo recebe Caso inerente.

A impossibilidade de extração do objeto temático em construções aplicativa e a possibilidade em suas equivalentes analíticas indicam que efetivamente ocorrem mudanças nas relações gramaticais dos constituintes da oração quando a posposição se incorpora a V°. Tanto nas construções aplicativas quanto nas não-aplicativas, o PP é selecionado pelo verbo. No entanto, quando a posposição se incorpora o seu status se modifica qualitativamente, e o objeto da posposição passa a ser um argumento mais diretamente relacionado com o verbo do que o objeto temático. As mudanças nas relações gramaticais em construções que se tornam aplicativas no Panará ocorrem, apesar da aparente imutabilidade da morfologia, corroborando, assim, as observações de Baker (1988) e Perlmutter & Postal (1974).

3. Posposições que não incorporam

Posposições homófonas àquelas suscetíveis de incorporação em Panará não admitem a incorporação. O quadro das posposições ambíguas, isto é, das que admitem e não admitem incorporação tem a seguinte distribuição, dependendo do seu significado:

INCORPORAM	posposição	NÃO INCORPORAM
(21) a. malefactiva	pe/pey	b. ablativa
(22) a. comitativa	kō	b. locativa ⁷
(23) a. inessiva	amã/ramã/yamã	b. locativa ⁸
(24) a. instr-comitativa ⁹	həw/əw/ə	. instrumentiva

⁷ Associada a continentes de água (rios, lagos, igarapés etc)

⁸ A distinção entre locativa e inessiva é uma escolha um tanto arbitrária: ambas são locativas e inessivas. O que existe é uma distinção semântica entre os objetos que uma e outra seleciona, e que determina a possibilidade ou não da sua incorporação. A locativa também equivale a 'sobre' e como tal jamais se incorpora.

- (21) a. mara hẽ ø =ti =ø
 ele ERG REAL.TR=3SG.ERG=3SG.ABS
 =pe =kũĩ moto tsukahamãy
 =MAL=quebrar barco Txukahamãe
 ‘ele quebrou o barco do Txukahamãe.’
- b. *ĩpiara yi
 homens.ABS REAL.INTR
 =pe =ra =po hati
 =ABL=3PL.ABS=chegar mato
 ‘os homens chegaram do mato.’
- (22) a. kiompe ka =ti
 Kiompé.ABS IRR=3SG.NOM
 ra =kõ =tẽ ĩkyẽ muu tã
 1SG.ABS=COM=ir eu Brasília ALA
 ‘Kiompé vai viajar comigo para Brasília.’
- b. *ĩpiarã ø =ti =me
 homens.ERG REAL.TR=3SG.ERG=DU.ABS
 =kõ =pari mĩ pitira ĩko
 =LOC=matar jacaré.ABS dois rio
 ‘os homens mataram dois jacarés dentro do rio.’
- (23) a. maira hẽ ø =ti =ø
 Maíra ERG REAL.TR=3SG.ERG=3SG.ABS
 =amã =yĩ =pũ tãmaka
 =LOC=RFX=ver espelho
 ‘Maíra se viu no espelho.’
- b. *hipẽ hẽ ø =ti =me
 estrangeiro ERG REAL.TR=3SG.ERG=DU.ABS
 =amã =pĩri ĩpi-ra kukre
 =INES=matar homem.DUAL.ABS casa
 ‘o estrangeiro matou os dois homens dentro da casa.’

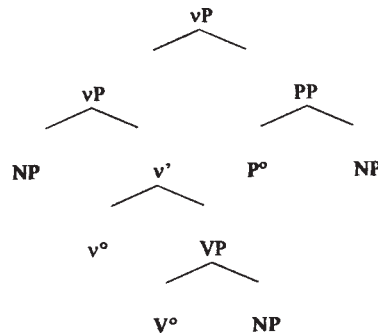
⁹ Instrumental-comitativa é um termo *cover* que designa aqueles dois papéis semânticos atribuídos por essa posição passível de incorporação em Panará. Ocorre com maior frequência como atribuidora de comitativo (não-associativo, como **kõ**), mas no sentido de algo ou alguém que é carregado/conduzido por outrem. Cumpre ainda observar que a distinção entre instrumentais que incorporam e as que não incorporam é de difícil definição, havendo divergência entre falantes quanto à aceitabilidade das construções relevantes.

- (24) a. *kamera yi =ra*
 vocês.ABS REAL.TR=1SG.ABS
 =*how=ria =tẽĩkyẽ kri tã*
 =IC =2PL.ABS=*ir* eu aldeia ALA
 'vocês me conduziram para a aldeia.'

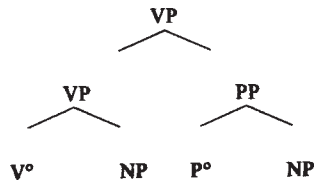
- b. **pĩrarã ø =ne*
 crianças.ERG REAL.TR=3PL.ERG
 =*how =yĩ =siri kəyasə*
 =INSTR=RFX=*cortar* faca
 'as crianças se cortaram com a faca.'

Com base na impossibilidade de incorporação das posposições nas sentenças em (b), de (21) a (24), propomos para essas construções as configurações árboreas em (25) e (26), em que o PP está adjungido a nP ou VP, dependendo se a construção envolve ou não uma projeção do verbo leve.

(25)



(26)



A incorporação de P° a V°/n° em (25) e (26) é impossível, uma vez que o PP não é regido nem θ -marcado por V°/n°, condição para que um núcleo possa se incorporar a outro núcleo (Baker 1988). Ademais, V° não c-comanda P°, assim o movimento de P° para V°/n° é bloqueado.

Uma evidência de que realmente os PPs encabeçados pelas posposições ablativa, locativa, inessiva e instrumentiva se distinguem dos PPs encabeçados pelas posposições benefactiva, malefactiva, comitativa, instrumental-comitativa e inessiva está relacionada ao diferente padrão de concordância de cada construção, apesar de ambos ocorrerem com verbos transitivos e intransitivos.

Como se pode observar nos exemplos em (a) de (21) a (24), o verbo concorda com o sujeito e com o objeto da posposição: tanto em (21a) quanto em (23a), o verbo concorda com o sujeito por meio do clítico ergativo **ti** e com o objeto da posposição por meio do clítico absolutivo \emptyset ; já em (22a) e (24a), o verbo concorda com o sujeito por meio do clítico nominativo **ti** e do absolutivo **ria**, respectivamente, e com o objeto da posposição por meio do clítico absolutivo **ra** em ambos.

Por outro lado, os PPs envolvendo posposições ablativa, alativa, locativa, inessiva e instrumental são adjuntos e por isso o verbo não manifesta qualquer concordância com seus complementos, como se pode ver nos exemplos de (27) a (30), uma reprodução dos exemplos em (b) de (21) a (24) sem a incorporação indevida.

(27) \tilde{y} piara yi =ra
 homens.ABS REAL.INTR=3PL.ABS
 =po hati pe
 =chegar mato ABL
 'os homens chegaram do mato.'

(28) \tilde{y} piarã \emptyset =ti =mẽ =pari
 homens.ERG REAL.TR=3SG.ERG=DU.ABS=**matar**
 mĩ pitira \tilde{y} ko kô
 jacaré.ABS dois rio LOC
 'os homens mataram dois jacarés dentro do rio.'

(29) hipẽ hẽ \emptyset =ti
 estrangeiro ERG REAL.TR=3SG.ERG
 =mẽ =pĩri \tilde{y} pi-ra kukre yamã
 =DU.ABS=**matar** homem.DUAL.ABS casa LOC
 'o estrangeiro matou os dois homens dentro da casa.'

- (30) p̄riarã ∅ =ne
 crianças.ERG REAL.TR=3PL.ERG
 =yĩ =siri kəyasə hɔw
 =RFX=cortar faca INSTR
 ‘as crianças se cortaram com a faca.’

O verbo intransitivo concorda apenas com o NP sujeito em (27), por meio do clíticos **ra**, e o verbo transitivo em (28) e (29) exibe concordância com o objeto temático (o clítico dual **me**) e não com o objeto da posposição. Em (30), o verbo transitivo concorda apenas com o seu sujeito (clítico **ne**), sendo o seu objeto representado pelo proclítico reflexivo **yĩ**.

Uma evidência independente adicional que comprova a assimetria nas relações gramaticais entre o verbo e PPs cujas posposições se incorporam e PPs cujas posposições não se incorporam nos é fornecida pelas estratégias de relativização de que a língua se utiliza. Como se pode observar em (32) e (34) abaixo, a relativização do objeto da posposição que não pode ser incorporada se dá por meio do complementizador **mãmã**. **Mãmã** é um operador sintático que introduz também orações adverbiais, geralmente combinado com uma das posposições não incorporáveis: **ãhã** (para as temporais), **amã** (para as causais) e **ahē** (para as finais), como no exemplo em (31).

- (31) mara hè ∅ =tĩ =∅ =sari
 ela ERG REAL.TR=3SG.ERG=3SG.ABS=cozinhar
 kiɔ̄rĩpe {mãmã ĩpe pepeti ahē}
 arroz **COMP** bem mole **FIN**
 ‘ela cozinhou o arroz para que ficasse bem mole.’

Em contraste, a relativização do objeto da posposição que pode ser incorporada se dá por meio dos pronomes relativos (que também podem ser indefinidos e interrogativos) **prẽ** para [+humano] e **piã** para [-humano], como em (33) e (35).

- (32) hati {mãmã pe ĩpiara
 mato **COMP** **ABL** homens
 yi =pi =ra =po}
 REAL.INTR=DIR=1PL.ABS=chegar
 ‘o mato, de onde os homens chegaram.’

- (33) ãpiara {**prẽ-mera** **pe** mara hẽ
 homens **COMP-PL MAL** ele ERG
 ø =ti =ra =piri sõesua}
 REAL.TR=3SG.ERG=3PL.ABS=pegar anzol
 ‘os homens, em detrimento dos quais ele pegou o
 anzol.’
- (34) ãta {**mãmã** **ramã** isi
 chuva **COMP INES** fogo
 yi =ø =ti}
 REAL.INTR=3SG.ABS=morreu
 ‘a chuva, que apagou o fogo (lit: a chuva com a qual o
 fogo morreu).’
- (35) tãmaka {**piã** **ramã** Maira hẽ
 espelho **COMP LOC** Maíra ERG
 ø =ti =ø =yĩ =pũ}
 REAL.TR=3SG.ERG=3SG.ABS=RFLX=ver
 ‘o espelho em que Maíra se viu.’

Tanto nas orações relativas de objetos de posposições que incorporam, quanto nas relativas de objetos de posposições que não incorporam, o complementizador vem seguido da mesma posposição cujo objeto foi relativizado.

4. Aplicativas com cópia foneticamente realizada

4.1. *Duplicação de Posposições*

Em Panará, as construções aplicativas descritas na sessão 3 podem também apresentar na posição canônica cópia da posposição incorporada, como nos exemplos de em (b) de (36) a (38):

- (36) a. mara hẽ ø =ti =a
 ele ERG REAL.TR=3SG.ERG=2SG.ABS
 =**pe**_i =piri sõesua ka **t**_i
 =**MAL**=pegar anzol você
 ‘ele pegou o anzol em teu prejuízo.’

- b. mara hẽ $\emptyset = ti = a = pe_i =$ piri
 ele ERG REAL.TR=3SG.ERG=2SG.ABS=**MAL**=pegar
 sōsesua ka **pe_i**
 anzol 2SG **MAL**
 'ele pegou o anzol em teu prejuízo.'
- (37) a. ka hẽ \emptyset =ka =ra
 você ERG REAL.TR=2SG.ERG=3PL.ABS
 =**hɔw_i**=pĩase pĩara **t_i**
 =**IC** =brigar crianças
 'você brigou com as crianças.'
- b. ka hẽ \emptyset =ka =ra
 você ERG REAL.TR=2SG.ERG=3PL.ABS
 =**hɔw_i**=pĩase pĩara **hɔw_i**
 =**IC** =brigar crianças **IC**
 'você brigou com as crianças.'
- (38) a. ka ka =ti =ra
 você.ABS IRR=2SG.NOM=1SG.ABS
 =**kõ_i** =kui ãkyẽ **t_i**
 =**COM**=ir eu
 'você irá comigo.'
- b. ka ka =ti =ra
 você.ABS IRR=2SG.NOM=1SG.ABS
 =**kõ_i** =kui ãkyẽ **kõ_i**
 =**COM**=ir eu **COM**
 'você irá comigo' (lit: você comigo irá comigo)

Esse fenômeno de duplicação da posposição em Panará será analisado a seguir, com base na proposta apresentada por Nunes (1999, 2001).

4.2. Realização Fonética de Múltiplas Cópias (Nunes 1999, 2001)

Adotando a teoria do movimento por cópia de Chomsky (1995), segundo a qual um vestígio é uma cópia de um elemento movido que é eliminado em PF mas permanece presente em LF, Nunes (1995, 2001) apresenta uma proposta de análise para o apagamento de vestígios em geral, dentro da qual é possível explicar também a realização de cópias múltiplas em certas construções.

Considerando-se uma cadeia não-trivial como em (39), Nunes (1995, 1999, 2001) propõe-se a responder às seguintes questões:

- (I) por que uma cadeia de NP não pode ocorrer com todos os seus elos foneticamente realizados? (cf. (40a));
- (II) por que o alvo do apagamento é o vestígio e não a cabeça da cadeia ?” (cf. (40b) vs. (40c)).

(39) [John_i [was [arrested John_i]]

- (40) a. *John was arrested John
- b. *Was arrested John.
- c. John was arrested.

De acordo com Nunes (2001), os elos de uma cadeia são objetos linguísticos não-distintos, pois não são distintamente especificados na numeração inicial. Na derivação em (40c), por exemplo, as duas instâncias de **John**, em (39), são não-distintas. uma vez que essa informação de não-distintividade de elos de uma cadeia estaria presente no componente fonológico, não só quando são aplicadas as operações de apagamento, mas também no ponto em que o sistema computacional aplica a operação Linearizar, definida por Nunes (2001) como uma operação do componente fonológico que converte uma estrutura sintática em uma sequência de elementos X^0 , de acordo com o Axioma de Correspondência Linear (LCA) de Kayne (1994).

De acordo com o LCA, a precedência linear no componente fonológico é determinada por c-comando assimétrico. Em (39), **was** assimetricamente c-comanda a cópia mais baixa e é c-comandado pela cópia mais alta de **John**. Tendo em vista que essas cópias são não-distintas, de acordo com o LCA **was** não deveria preceder e ser precedido pelo mesmo elemento, violando, destarte, a condição de assimetria sobre a ordem linear, o que impediria que a estrutura em (39) fosse linearizada.

Nunes (1995, 1999, 2001) propõe que, ao eliminar o material repetido que provoca falta de assimetria, o apagamento pode permitir que uma estrutura contendo cadeias não-triviais seja linearizada de acordo com LCA. O apagamento de elos de uma cadeia é, pois, uma exigência para que a linearização no componente fonológico ocorra de acordo com o LCA. En-

tão, para linearizar uma estrutura como em (39), Nunes (1995, 1999, 2001) assume que o componente fonológico recorre à operação Redução de Cadeia em (41):

(41) Redução de Cadeia

Apague o número mínimo de constituintes de uma cadeia não-trivial CH que permita que CH seja mapeada em uma ordem linear, de acordo com o LCA.

Já que cabeça de cadeia e seu(s) vestígio(s) são cópias não-distintas de um mesmo constituinte, a diferença entre eles decorre de propriedades independentes do sistema computacional, argumenta Nunes (1999, 2001). Assim, em princípio, tanto cabeças de cadeia quanto vestígios podem se realizar foneticamente. Se Redução de Cadeia apaga todas as cópias menos uma, neste ponto, o sistema não prevê qual cópia será apagada. Nunes assume, então, que a escolha da(s) cópia(s) a ser(em) apagada(s) será determinada por considerações de economia, afirmando que a otimalidade de apagamento de um dado elo de uma cadeia é contingente com a eliminação de traços formais no componente fonológico.

Neste sentido, propõe que uma operação no componente fonológico, aplicada depois de Morfologia, deve eliminar traços formais que são visíveis em PF. A essa operação, Nunes chama de Eliminação de Traços Formais. Assim, no exemplo em (39), os traços de Caso de **John** da cópia mais alta tornam-se invisíveis em PF e em LF, depois de checados contra o núcleo de T, conforme representação em (42), em que o traço checado aparece subscrito:

(42) [John-_{CASE} [was [arrested John-CASE]]]

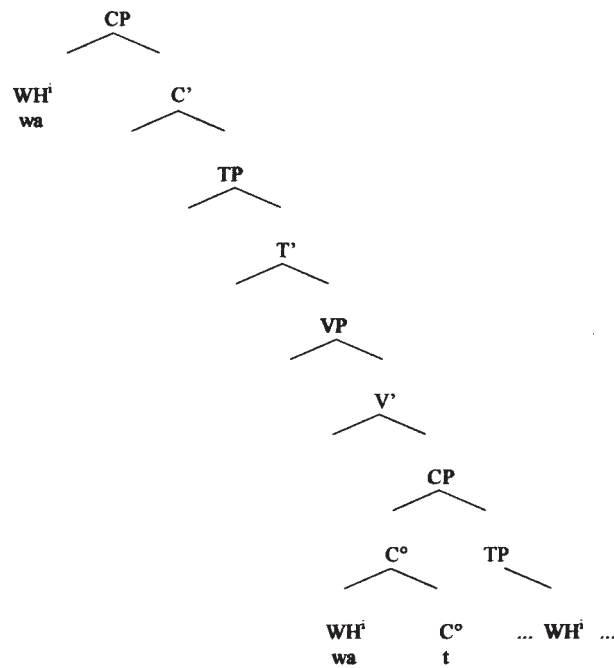
A aplicação de Redução de Cadeia pode ter como resultado tanto o apagamento da cópia mais alta quanto o apagamento da cópia mais baixa de **John**. Se Redução de Cadeia escolhe apagar a cópia mais alta, a operação de eliminação de traços será ainda requerida para eliminar o traço de Caso da cópia mais baixa. Se Redução de Cadeia escolhe a cópia mais baixa para apagamento, nenhuma operação será requerida, vez que o traço de Caso da cópia mais alta já foi checado, isto é, já se tornou invisível em PF. A escolha do elo a ser apagado decorre, portanto, de considerações de economia, tendo em vista que a derivação será mais econômica se Redução de Cadeia apagar vestígios ao invés da cabeça da cadeia.

Nunes (1999, 2001) também provê uma análise para casos em que mais de um elo de uma cadeia pode ser realizado. Isso ocorre quando o componente morfológico reanalisa um elo de uma cadeia como parte de uma palavra, tornando-o invisível para LCA e dispensando seu apagamento por Redução de Cadeia. O exemplo abaixo do Frisão (de Hiemstra 1986) foi apresentado por Nunes (2001), para ilustrar os casos em que o apagamento de um vestígio simplesmente não ocorre:

- (43) *wa tinke jo wa't ik sjoen haw*
 quem pensa você quem-que eu visto tenho
 'quem você pensa que eu tenho visto?'

O sintagma-QU *wa* se move, inicialmente, para o núcleo do complementizador intermediário *t*, ao qual se adjunge, e depois para o Spec do CP da matriz, como na representação em (44).

- (44)



Depois de adjungidos, o elemento movido **wa** e o núcleo do complementizador intermediário **t** passam a constituir uma única palavra, após reestruturação no subcomponente morfológico. Assumindo Chomsky (1995), Nunes (1999, 2001) afirma que o LCA não se aplica internamente a palavras. Assim o elo intermediário dessa cadeia (WH) não cria nenhum problema de linearização em relação aos outros elos, considerando-se que se tornou invisível para o LCA. Como Redução de Cadeia é determinada por considerações de economia, deve-se aplicar o menor número de vezes. Portanto, o elo intermediário da cadeia WH, em (44), não é apagado e a estrutura é realizada com mais de um elo foneticamente realizado.

4.3. Extensão da proposta de Nunes (1999, 2001) para o Panará

Retomando os dados do Panará, de (36) a (38), repetidos abaixo de (45) a (47), nos quais a posposição e seu vestígio ocorrem foneticamente realizados, verifica-se que essas construções não deveriam ser linearizadas de acordo com o LCA, por violarem as exigências de assimetria e de irreflexividade. Em (46), por exemplo, a posposição incorporada **how** c-comanda assimetricamente o verbo **piase** que, por sua vez, c-comanda assimetricamente o vestígio da posposição, violando assim a condição de assimetria sobre ordens lineares.

(45) mara hẽ ø =ti =a
 ele ERG REAL.TR=3SG.ERG=2SG.ABS
 =**pe**_i =piri sõesua ka **pe**_i
 =**MAL**=pegar anzol você **MAL**
 'ele pegou o anzol em teu prejuízo.'

(46) ka hẽ ø =ka =ra
 você ERG REAL.TR=2SG.ERG=3PL.ABS
 =**how**_i =piase pñara **how**_i
 =**IC**=brigar crianças **INSTR**
 'você brigou com as crianças.'

(47) ka ka =ti =ra
 você.ABS IRR=2SG.NOM=1SG.ABS
 =**kõ**_i =kuĩ ãkyẽ **kõ**_i
 =**COM**=ir eu.ABS **COM**
 'você irá comigo.'

De acordo com a proposta de Nunes (1999, 2001), a realização fonética de mais de uma cópia, em uma construção contendo uma cadeia não trivial, deve ser atribuída ao fato de uma (ou mais de uma) cópia ser interpretada pela Morfologia, como parte de uma palavra e, por isso, não ser computada pelo LCA. Esse é o caso das aplicativas em Panará. Em (47), por exemplo, a posposição incorporada **kõ** e o verbo **kui** são interpretados como uma palavra, como representado em (48), permitindo que a construção seja linearizada sem qualquer problema.

- (48) ka ka =ti =ra =**kõ-kui**
 você.ABS IRR=2S.NOM=1S.ABS=**ir**
 ãkyẽ **kõ**
 eu.ABS **COM**
 ‘você irá comigo’.

Uma evidência de que nessas construções a posposição incorporada e o verbo estão sendo reanalisados como palavra em Panará diz respeito à presença de morfemas de concordância nas construções aplicativas *standard*, como em (49a) e (50a) abaixo, em que a concordância do absolutivo com o sujeito normalmente se interpõe entre a posposição incorporada e o verbo. Em construções com a duplicação da posposição essa concordância é omitida, como ilustrada em (49b) e (50b), isto é, o verbo permanece apenas com a concordância com o objeto da posposição. O morfema que é apagado, em (49b) e (50b), pode ser recuperado pela presença do argumento externo. No caso da co-ocorrência com o pronome reflexivo, que também se interpõe entre a posposição incorporada e o verbo, como em (51), a tendência é evitar a duplicação nessas construções, tendo em vista que esse elemento não pode ser apagado pois não há como recuperá-lo na oração. Em (49a) e (50a) repetimos os exemplos (6b) e (14b), respectivamente, e em (49b) e (50b) mostramos como se atualizam essas construções como resultado da duplicação da posposição. Em (51) repetimos a construção apresentada em (22a), mostrando que a tendência é pela aplicativa *standard*.

- (49) a. pñara yi =ø
 crianças.ABS REAL.INTR=3SG.ABS
 =**həw**=ra =**kõ** ãko
 =**IC** =3PL.ABS=**saciar a sede** água
 ‘as crianças beberam água.’

b. p̄riara yi =∅
 crianças.ABS REAL.INTR=3SG.ABS
 =h̄owk̄o ãko h̄ow
 =saciar a sede água IC
 ‘as crianças beberam água.’

(50) a. kamera yi =ra
 vocês.ABS REAL.TR=1SG.ABS
 =h̄ow=ria =tẽ ãkyẽ kri tã
 =IC =2PL.ABS=ir eu aldeia ALA
 ‘vocês foram comigo (me conduziram) para a aldeia.’

b. kamera yi =ra =h̄owtẽ
 vocês.ABS REAL.TR=1SG.ABS=ir
 ãkyẽ h̄ow kri tã
 eu IC aldeia ALA
 ‘vocês foram comigo (me conduziram) para a aldeia.’

(51) maira hẽ ∅ =ti =∅
 Maíra ERG REAL.TR=3SG.ERG=3SG.ABS
 =amã=yĩ =pũ t̄omaka
 =LOC=RFX=ver espelho
 ‘Maíra se viu no espelho.’

As posições malefactiva **pe**, benefactiva **mã**, instrumental-comitativa **h̄ow**, comitativa **k̄o** e a locativa **amã**, quando incorporadas a V^o em construções em que aparecem duplicadas, são portanto analisadas no componente fonológico como parte do verbo a que se incorporam.¹⁰

¹⁰ Uma distinção interessante entre as aplicativas com e sem incorporação diz respeito às estratégias de relativização. Em Panará a chamada relativização primária (Keenan & Comrie), que inclui sujeito e objeto direto, é diferente da relativização de objetos de posição suscetíveis de incorporação (objetos indiretos). Tomando uma construção básica como no exemplo em (42) com o benefactivo, podemos ter as seguintes estratégias de relativização.

(I) panãrã ∅ =ne =∅ =s̄õri
 índios.ERG REAL.TR=3PL.ERG=3SG.ABS=dar
 ise hipẽ mã
 arco.ABS branco BEN
 ‘os índios deram o arco para o branco.’

(a) Relativização primária de sujeito sem e com incorporação:

(II) a. panãrã [\emptyset =ne = \emptyset =sõri
 índios.ERG REAL.TR=3PL.ERG=3SG.ABS=**dar**

ise hipẽ **mã**]

arco.ABS branco **BEN**

‘os índios que deram o arco para o branco.’

b. panãrã [\emptyset =ne = \emptyset =**mã** =sõri

índios.ERG REAL.TR=3PL.ERG=3SG.ABS=**BEN=dar**

ise hipẽ]

arco.ABS vocês

‘os índios que deram o arco para o branco.’

(b) Relativização primária do objeto direto sem incorporação. O objeto direto (o Tema) não pode ser relativizado em construções aplicativas, porque as mudanças que ocorrem nas relações gramaticais tornam o objeto da posposição um argumento mais diretamente relacionado com o verbo, impedindo que o objeto temático seja extraído, conforme exemplo em (20b).

(III) ise [panãrã \emptyset =ne = \emptyset =sõri
 arco.ABS índios.ERG REAL.TR=3PL.ERG=3SG.ABS=**dar**

hipẽ **mã**]

branco **BEN**

‘o arco que os índios deram para o branco.’

(c) Relativização de objeto indireto sem (a) e com (b) incorporação:

(IV) a. hipẽ [prẽ **mã** panãrã

índios COMP **BEN** índios.ERG

\emptyset =ne = \emptyset =sõri ise]

REAL.TR=3PL.ERG=3SG.ABS=**dar** arco.ABS

‘o branco, para quem os índios deram o arco.’

b. hipẽ [panãrã \emptyset =ne = \emptyset

branco Panara.ERG REAL.TR=3PL.ERG=3SG.ABS

=**mã** =sõri ise]

=**BEN=dar** arco.ABS

‘o branco, para quem os índios deram o arco.’

A estratégia adotada para relativizar o objeto da posposição em construções aplicativas com vestígio nulo, (cf. (IVb)), é idêntica à relativização primária (cf. (II) e (III)), e diferente da estratégia para a relativização de objeto da posposição quando a posposição não está incorporada, isto é, de objetos indiretos (cf. (IVa)). Também a relativização do objeto da posposição em construções em que o vestígio é foneticamente realizado é idêntica à relativização de objetos indiretos, como em (IVa), como se pode observar em (Vb). Uma vez que Panará não admite *stranding posposition*, quando a posposição é duplicada, somente a estratégia com *pied-piping* está disponível, como em (Vb).

(V) a. panãrã \emptyset =ne = \emptyset =**mã** =sõri
 índios.ERG REAL.TR=3PL.ERG=3SG.ABS=**BEN=dar**

ise hipẽ **mã**

arco.ABS branco **BEN**

‘os índios deram o arco para o branco.’

b. hipẽ [prẽ **mã** panãrã

branco COMP **BEN** Panara.ERG

\emptyset =ne = \emptyset =**mã** =sõri ise]

REAL.TR=3PL.ERG=3SG.ABS=**BEN=dar** arco.ABS

‘o branco, para quem os índios deram o arco.’

5. Considerações finais

As construções aplicativas na língua Panará, resultantes da incorporação de posposição ao núcleo verbal, equivalem às suas respectivas analíticas em significado. A posposição incorporada e a não incorporada, além de pertencerem à mesma categoria [-N, -V], são da mesma natureza fonológica, isto é, trata-se das mesmas formas livres. A posposição, ao se incorporar ao núcleo verbal, pode perder o seu status enquanto palavra independente, criando, pois, com o verbo uma unidade complexa. As construções com e sem incorporação da posposição em Panará mantêm a mesma relação temática.

Nas construções em que a posposição pode ser incorporada, o verbo exhibe marcas de concordância com o NP objeto da posposição, tratando-o, pois, como seu argumento. As posposições homófonas àquelas suscetíveis de incorporação e que, no entanto, não incorporam, são impedidas pela sua posição estrutural de adjunto. O verbo nessas construções não exhibe marcas de concordância com o NP objeto da referida posposição.

Construções com posposição incorporada e com vestígio foneticamente realizado indicam que a posposição e o verbo hospedeiro podem ser analisados no componente fonológico como uma palavra, e por isso as duas ocorrências da posposição não trazem problema para a linearização da estrutura. Essas construções são reinterpretadas como não-aplicativas pelos falantes, conforme atestam as estratégias de relativização (Keenan e Comrie 1977).

Por fim, as diferentes estratégias adotadas na relativização do NP objeto da posposição em construções aplicativas e não-aplicativas e, inclusive, a impossibilidade de extração do objeto temático em construções aplicativas indicam que, a despeito da concordância do verbo com o NP objeto da posposição em construções não-aplicativas, as construções aplicativas efetivamente promovem mudanças nas relações gramaticais entre o verbo e o objeto da posposição, confirmando assim o que propuseram Baker (1988) e Perlmutter & Postal (1974) em relação às construções aplicativas.

Recebido em junho de 2001.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKER, M. 1988. *Incorporation*. Chicago: University of Chicago Press.
- CHOMSKY, N. 1981. *Lectures on government and binding*. Dordrecht: Foris.
- CHOMSKY, N. 1995. *The Minimalist Program*. The MIT Press.
- DOURADO, L. 1994. Concordância em Panará. *Anais da 44ª Reunião Anual da SPBC*.
- DOURADO, L. 1999. Orações Relativas em Panará (manuscrito).
- DOURADO, L. 2001. Aspectos Morfosintáticos da Língua Panará. Tese de doutorado. UNICAMP.
- GARY & KEENAN. 1977. On collapsing grammatical relations in Universal Grammar. In: Peter Cole & Jerrold M. Sadock (eds.) *Syntax and Semantic 8: Grammatical Relations*. New York: Academic Press.
- KAYNE, R. 1994. *The antisymmetry of Syntax*. MIT Press.
- KEENAN, E & B. COMRIE 1977. Noun Phrase Accessibility and Universal Grammar. *Linguistic Inquiry* 8.1. MIT Press.
- NAKAMURA, M. 1997. Object Extraction in Bantu Applicatives: some Implications for Minimalism. *Linguistic Inquiry*, 28. 2.
- NUNES, J. 1995. The Copy Theory of Movement and Linearization of Chains in the Minimalist Program. Doctoral dissertation. University of Maryland, College Park.
- NUNES, J. (1999) . Linearization of Chains an Phonetic Realization of Chain Links. In S.D. Epstein and N. Hornstein: *Working Minimalism*. MIT Press, Cambridge Mass: 217-249.
- NUNES, J. 2001. Chains and Sideward Movement. Tese de livre-docência. UNICAMP.
- PERLMUTTER & POSTAL. 1974. *Relational Grammar. Lectures at the Linguistic Institute of the Linguistic Society of America*. University of Massachusetts, Amher.